

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JB

CLASS. : Yanomama 1989

DATA : 16 03 89

PG. : 7

**Malária matou
13 ianomâmis**

BRASÍLIA — Os índios ianomâmis estão pagando o mais alto preço do mercado por cada grama de ouro que 40 mil garimpeiros extraem ilegalmente do seu território. De janeiro a agosto deste ano, 34 pagaram com a vida — 13 morreram de malária, cinco de pneumonia, cinco de gastroenterite e cinco foram assassinados a tiros. A desnutrição aparece como uma das causas associadas a quatro mortes, enquanto o alcoolismo fez duas vítimas fatais. Além disso, no mesmo período, a Casa do Índio de Boa Vista atendeu 89 ianomâmis com malária, 46 com infecções respiratórias agudas, 16 com doenças infecciosas intestinais e 16 com doenças do aparelho urinário, 70% delas decorrentes de doenças sexualmente transmissíveis.

Apesar de impressionantes, os números estão muito abaixo da realidade. No caso dos óbitos, porque as notícias raramente conseguem percorrer milhares e milhares de quilômetros de mata fechada. No caso dos atendimentos na Casa do Índio, porque mais da metade dos 7.500 ianomâmis de Roraima não conseguem chegar até ela.

Dois médicos — Para combater essa densa selva de males, a Funai dispõe de apenas dois médicos para atender nada menos que 38 mil índios, entre ianomâmis, uapixana, uaiás, macuxi, maiongongue, ingaricó, taulipangue e uaimiri-atroari. Em 87, os ianomâmis representavam apenas 18% dos pacientes atendidos na Casa do Índio, em Boa Vista. Em 88, eles já eram 65%.

“A presença de garimpeiros, vindos geralmente de regiões insalubres, tem um efeito devastador sobre uma comunidade até pouco tempo virgem de contato com agentes causadores de doenças transmissíveis. Por isso, uma gripe, que para nós não tem maiores conseqüências, pode ser fatal para os ianomâmis”, afirma o médico sanitarista da Funai Oneron de Abreu Pithan, que desde 87 trabalha com as populações indígenas de Roraima.